

PARTE I EXPLORAÇÃO DO TRABALHO, DOMINAÇÃO E OPRESSÃO DAS MULHERES

I.IV - EPISTEMOLOGIAS FEMINISTAS E FEMINISMOS MATERIALISTAS HOJE

HELENA HIRATA

FLS5174 – GÊNERO E TRABALHO. DESAFIOS NACIONAIS, DEBATES INTERNACIONAIS

PPGS/USP, 28..08.2017 (AULA 5)

ROTEIRO

- INTRODUÇÃO
- EPISTEMOLOGIA FEMINISTA: O « PONTO DE VISTA SITUADO » E O « CONHECIMENTO SITUADO » (*SITUATED KNOWLEDGE*) : SANDRA HARDING, DONNA HARAWAY, ILANA LOWY
- MARXISMO E FEMINISMO: ANALOGIAS, DISTANCIAMENTOS, RUPTURAS.
- O CASAMENTO INFELIZ DO MARXISMO E DO FEMINISMO: HEIDI HARTMANN (1981) E CINZIA ARRUZZA (2013)
- FEMINISMO MATERIALISTA E *QUEER*

INTRODUÇÃO

- O que distingue as duas pensadoras francesas apresentadas na aula 4, N.C. Mathieu e D. Kergoat, e as duas pioneiras, M. Guilbert e V. Isambert Jamati, além das diferenças de geração, é que as primeiras se reivindicam do feminismo materialista, que D. Kergoat define como « *uma das correntes de pensamento crítico as mais ricas do período contemporâneo* » (discurso proferido no enterro de N.C. Mathieu no dia 14/03/2014).
- A especificidade dessa corrente do feminismo em relação às teorias feministas diferencialistas, culturalistas, etc. é que para ela *o trabalho é central*, em sua materialidade, e enquanto prática social. *A divisão sexual do trabalho* profissional e doméstico, subjacente à divisão sexual do poder e do saber, é também um conceito central para essa corrente do feminismo materialista, que adota a epistemologia do “ponto de vista situado” (Sandra Harding)

A EPISTEMOLOGIA FEMINISTA DO « CONHECIMENTO SITUADO » I

- Um ponto de vista “situado”, ou seja, teorizar a partir de um “*feminist standpoint*” ou enquanto “*situated knowledge*” (cf. Haraway, 1988; Harding, 1991; Lowy, 2002)
- Elas afirmam a existência de um “ponto de vista” próprio à experiência e ao lugar que as mulheres ocupam. Assim, um primeiro ponto para aprofundamento é a análise do conceito de “conhecimento situado” ou de “perspectiva parcial” da epistemologia feminista (“epistemologia é teoria do conhecimento”) (Standing, Introdução a “Feminism & Methodology”)
- Possibilidade de utilizar o enfoque do « conhecimento situado » para analisar a opressão das/dos negras, ou de outras categorias dominadas ou subalternas
- Entretanto, crítica à epistemologia feminista branca da parte do feminismo negro

EPISTEMOLOGIA FEMINISTA DO CONHECIMENTO SITUADO II

- As conceptualizações do feminismo materialista partilham, a meu ver, do pressuposto central da epistemologia feminista segundo o qual “as definições vigentes de neutralidade, objetividade, racionalidade e universalidade da ciência, na verdade, frequentemente incorporam a visão do mundo das pessoas que criaram essa ciência: homens – os machos – ocidentais, membros das classes dominantes” (Lowy, *Ciência e Gênero*, no *Dicionário Crítico do Feminismo*, 2009/2000) e, podemos acrescentar, brancos.

MARXISMO E FEMINISMO: ANALOGIAS

- Analogias com os conceitos marxistas moldaram os principais conceitos do feminismo nos anos setenta e oitenta, na França (Christine Delphy e Danièle Kergoat)
- As feministas francesas, assim como as feministas brasileiras, tinham formação marxista e procederam muitas vezes por analogia: relações de classe, relações de sexo (Danièle Kergoat); modo de produção capitalista, modo de produção doméstica (um modo de produção doméstica paralelo ao capitalismo, onde os homens exploram o trabalho das mulheres); classe das mulheres, classe dos homens (Christine Delphy); ciência burguesa, ciência masculina (Françoise Collin)

MARXISMO E FEMINISMO: DISTANCIAMENTOS I

- Nancy Holmstrom (Chabaud-Rychter e al. (dir) *Sous les sciences sociales, le genre*, 2010, trad. br. 2014) elenca ao menos quatro contribuições da teoria marxista aos estudos de gênero: 1) a desconstrução das hierarquias pretensamente naturais; 2) a teoria da ideologia; 3) a importância da noção de auto-emancipação; 4) a dimensão relacional da teoria marxista que ajuda a compreender o gênero, que é um conceito relacional, mais do que o liberalismo e sua metodologia individualista.
- A crítica principal de Holmstrom, como a de muitas outras pesquisadoras feministas, é a de que Marx considera apenas o trabalho assalariado no capitalismo e ignora o trabalho não remunerado das mulheres no domicílio. A fórmula utilizada por Danièle Kergoat exprime bem esse ponto de vista de distanciamento, ao mesmo tempo interior e exterior ao marxismo: “*avec et contre Marx*” (com e contra Marx).

MARXISMO E FEMINISMO: DISTANCIAMENTOS II

- CRITICAS A ALGUMAS CATEGORIAS MARXISTAS A PARTIR DE PESQUISAS SOCIOLOGICAS NOS ANOS OITENTA:
 - CLASSES SOCIAIS
 - EXERCITO INDUSTRIAL DE RESERVA
 - FORÇA DE TRABALHO
 - TRABALHO DOMÉSTICO

MARXISMO E FEMINISMO: DISTANCIAMENTOS III

- Quanto à **teoria das classes sociais**, o conceito de classes sociais foi reinterpretado pelo feminismo e pelas pesquisas sobre relações sociais de sexo/gênero. O conceito de classe social não permite apreender o lugar das mulheres na produção e na reprodução social. A conceptualização marxista das classes sociais foi criticada de um ponto de vista de gênero nos anos setenta. Christine Delphy mostrou como a classe das mulheres é construída em referencia exclusiva aos homens (marido, pai) sem levar em conta as atividades próprias das mulheres. No marxismo as classes sempre foram tratadas como se o gênero não implicasse nenhuma heterogeneidade na sua composição, no seu comportamento e nas suas praticas. As mulheres no Capital não tem existência enquanto sexo social, mas fazem parte, com outras categorias, do exército industrial de reserva.

MARXISMO E FEMINISMO: DISTANCIAMENTOS IV

- Quanto à crítica da **teoria do exército industrial de reserva** (Marx, Bruegel, Humphries), da mesma maneira que a teoria da segmentação ou do mercado dual, ela subestima a complexidade das consequências dessas flutuações do emprego sobre a mão de obra feminina. A manutenção das mulheres na atividade e mesmo um aumento das taxas de atividade feminina a despeito da recessão econômica e do desemprego (Ruth Milkman, 1976; Hirata e Humphrey, 1984; Sylvia Walby, 1988) interpela as teorias centradas sobre a vulnerabilidade e a instabilidade dessa categoria da mão de obra. Os movimentos complexos da mão de obra feminina não são ligados unilateralmente nem exclusivamente à conjuntura do mercado de trabalho, nem apenas às mudanças no processo e na organização do trabalho, nem unicamente à subjetividade das trabalhadoras. A vontade de continuar a ter sua independência, sua autonomia, é uma terceira razão tão importante quanto as ligadas ao mercado de trabalho e ao processo de trabalho. Há complementaridade entre uma teoria dos mercados de trabalho, uma teoria dos processos de trabalho e uma teoria do “sujeito sexuado” .

MARXISMO E FEMINISMO: DISTANCIAMENTOS V

- As **categorias marxistas relativas à força de trabalho** podem ser criticadas à luz de uma teorização em termos de relações sociais de sexo/gênero. As formas de sujeição e de dependência pessoal no capitalismo podem ser apreendidas a partir das modalidades de uso do trabalhador enquanto **pessoa** e não apenas da sua **força de trabalho** no modelo japonês. Pesquisas como as de Jules Falquet na sua contribuição ao nº de *Cahiers du Genre* sobre feminismos materialistas coordenado por Bidet-Mordrel e al (2016) indicam como essas formas de sujeição e dependência pessoal podem ser encontrados fora do caso japonês. Outro exemplo dessa imbricação entre pessoa e força de trabalho pode ser encontrado em certas modalidades de emprego doméstico nos países ditos periféricos.

DO DISTANCIAMENTO À RUPTURA: O TRABALHO DOMÉSTICO

- **O trabalho doméstico** foi o centro do debate nos anos setenta entre pesquisadoras feministas anglo-saxãs, centrado nas categorias de “trabalho produtivo” e “trabalho improdutivo”, “valor de uso” e “valor” (cf. Wally Seccombe, Jean Gardiner e al. na leitura complementar da aula 5, *El trabajo domestico*, 2005)
- Uma posição de distanciamento crítico mas não de ruptura pode ser vista na análise das feministas marxistas e dos estudiosos marxistas que dizem que o trabalho doméstico é produtivo porque ele produz a força de trabalho de que o capital tem necessidade para a produção do valor: **“O trabalhador não nasce pronto. Foi produzido domesticamente desde o nascimento: cuidado, afeto, comida. O trabalho doméstico, trabalho não pago, é constitutivo da mercadoria força de trabalho, é o outro do valor, produtor da força de trabalho necessária”** (Lincoln Secco, 8º JOINPP, UFMA, 25/08/2017)

MARXISMO E FEMINISMO: RUPTURAS I

- Uma posição de ruptura esta no abandono da análise em termos de categorias marxistas (trabalho produtivo/improdutivo, valor de uso/valor) para passar *a um estudo sociológico* das relações sociais que estão na base do trabalho doméstico, a partir de pesquisas empíricas ou *a um estudo estatístico* sobre o “uso do tempo” e a repartição das diversas atividades domesticas e de cuidados entre homens e mulheres na família.
- A pesquisa sociológica pioneira foi publicada na França, em 1985: Chabaud-Rychter, D., Fougeyrollas-Schwebel, Sonthonnax, F. - *Espace et temps du travail domestique*, Paris: Klincksieck
- As pesquisas “emploi du temps” são realizadas na França pelo INSEE desde 1974 a cada 12 anos; no Brasil as pesquisas “uso do tempo” PNAD/IBGE são bem mais recentes, a pesquisa piloto tendo sido realizado em 2009 (Natalia Fontoura e Clara Araujo (org), 2016)

MARXISMO E FEMINISMO: RUPTURAS II

- Num outro registro teórico, a ruptura pode ser a consequência da incompatibilidade das conceptualizações feministas em termos de relações de gênero (sobretudo do paradigma interseccional que advoga a interdependência e a não hierarquização entre as relações de poder de gênero, de raça e de classe) com um enfoque em termos de contradição principal e contradição secundária, de infraestrutura e superestrutura, e sobretudo a ideia da determinação em última instância pela classe social. No feminismo marxista dos anos 80 (Barret, McIntosh) (Cervulle, 2016, *Cahiers du Genre*) como ainda hoje entre algumas feministas marxistas brasileiras, a tese de uma “contradição principal”, a contradição capital-trabalho continua presente.
- as teorias sobre os novos materialismos e a controvérsia em torno de Althusser reforçaram o distanciamento desembocando numa ruptura no plano da conceptualização

CASAMENTO INFELIZ ENTRE MARXISMO E FEMINISMO: HARTMANN (1981) E ARRUZZA (2013) I

- **Hartmann: *The Unhappy marriage of Marxism and Feminism. Towards a More Progressive Union* (1981)**
- **Arruzza: *Dangerous Liaisons: The marriages and divorces of Marxism and Feminism* (2013)**
- Continuidades e rupturas entre dois enfoques teóricos que se reivindicam da tradição marxista, mas que foram elaborados num intervalo de mais de 30 anos.
- A metáfora do casamento persiste, embora o numero de casamentos tenha diminuído nas sociedades industriais nessas ultimas décadas. Em debate recente com Cinzia Arruzza, em maio de 2016, brinquei que talvez o titulo de seu livro não refletisse mais a atualidade das múltiplas formas de família e o desprestigio atual do casamento e do divorcio
- O divorcio parece não ter se consumado, se notarmos o interesse renovado pelo materialismo e/ou pelo marxismo pelas feministas francesas no período recente; pelas feministas americanas (de Santa Cruz e Austin) e europeias (Holanda, Suécia, Finlândia, Inglaterra) (cf. Cornelia Moser (2016)).

CASAMENTO INFELIZ...II

HEIDI HARTMANN

- Apesar dos 36 anos passados após sua publicação, o artigo de Heidi Hartmann é, se excetuarmos o uso do conceito de patriarcado, de grande atualidade: 1) ela raciocina em termos de “relações sociais” (social relations); 2) ela diz que a base material do patriarcado consiste no controle pelos homens da força de trabalho (“*the material base of patriarchy, then, does not rest solely on childrearing in the Family, but on all the social structures that enable men to control women’s labor*” (p. 180); 3) o casamento heterossexual monogâmico serve o duplo objetivo de controle da força de trabalho feminina e o controle de sua sexualidade; 4) a relação de serviço poupa os homens das tarefas desagradáveis como a limpeza do banheiro;

CASAMENTO INFELIZ...III

HEIDI HARTMANN

- 5) ela manifesta seu acordo com Gayle Rubin e seu sistema sexo/gênero (“sex/gender system”) ; 6) ela se refere à “estrita divisão do trabalho por sexo” e à “sexual division of labor” (p. 182), base material do poder masculino, não só ao nível do trabalho doméstico ou de um emprego superior mas também ao nível psicológico; 7) ela tem um paragrafo sobre as hierarquias de raça: *“Racial hierarchies, like gender hierarchies, are aspects of our social organization, of how people are produced and reproduced (...) And women of different class, race, national, marital status, or sexual orientation groups are subjected to different degrees of patriarchal power. Women may themselves exercise class, race or national power, or even patriarchal power (through their family connections) over men lower in the patriarchal hierarchy than their own male kin”*.

CASAMENTO INFELIZ... IV

CINZIA ARRUZZA

- A despeito dessa atualidade incontestável da elaboração teórica de Heidi Hartmann, a comparação com as análises de Cinzia Arruzza indicam rapidamente a mudança das categorias analíticas e da “epistémé” nos 32 anos que separam as obras da politóloga e da filósofa. I) a apreciação positiva de C.Arruzza à teoria queer (“*desenvolveram conceitos uteis para a desconstrução do gênero*”) e à teoria da interseccionalidade (“*intersecção entre as opressões de gênero, raça e classe*”). Ela consagra um texto importante à crítica de Butler a partir de Marx, em termos de a-historicidade das categorias analíticas de Butler (Arruzza, 2015). E a partir de sua “teoria unitária” critica a posição de Danièle Kergoat em duas referências em um artigo traduzido na revista Outubro (C.Arruzza, 2015).

CASAMENTO INFELIZ... V

CINZIA ARRUZZA

- Arruzza critica o que ela chama de « teoria dual » de C. Delphy (modo de produção capitalista e modo de produção patriarcal são distintos) e critica as teses de H. Hartmann (autonomia do sistema capitalista e do sistema patriarcal); e o que ela chama de « teoria tripartite » de S. Walby, que introduz o sistema racial. Segundo Arruzza, D Kergoat com a tese da “consustancialidade das relações patriarcais, raciais e de classe” designa 3 sistemas “independentes”, propondo um “triplo sistema”. Arruzza defende o que ela chama de “teoria unitária”, em que “a opressão de gênero não corresponde a um sistema autônomo, mas que se tornou através de um longo processo histórico parte integrante da sociedade capitalista” (2015). A leitura de Arruzza da consustancialidade das relações de dominação/opressão/exploração é discutível pois é o oposto de um sistema dual ou tripartite, dada a imbricação de todas essas dimensões num todo unitário.

FEMINISMO MATERIALISTA E QUEER I

- É importante notar que se trata não só de uma corrente teórica mas também de um movimento social: o grupo Queer Nation nasceu em 1990 (Cervulle e Quemener, *Encyclopédie critique du genre*, 2016), no mesmo ano da publicação de *Gender Trouble* de J. Butler.
- O movimento *queer* materialista sublinha a compatibilidade entre feminismo *queer* e materialismo, o que contrasta com a longa tradição de crítica pelas feministas marxistas da teoria *queer*. Elas combatiam as teorias *queer* considerando que elas fluidificavam as identidades sexuais e não permitiam identificar as contradições e as relações sociais concretas. Sophie Noyé demonstra (2014) que é possível se nutrir de Foucault e de Butler, de um lado, e do feminismo materialista de C. Delphy, de outro. Nessa afirmação de dupla filiação, Noyé recupera ao mesmo tempo uma significativa literatura anglo-saxã consagrada ao marxismo *queer* (revista *Rethinking Marxism*), representada por figuras como Rosemary Henessy, Kevin Floyd, Alan Sears).

FEMINISMO MATERIALISTA E QUEER II

- Henessy é citada também por Steve Jackson que se refere à ideia de Henessy segundo a qual “*as desigualdades econômicas limitam e favorecem a escolha de certos modos de vida sexuais*” (Henessy 2000 apud Jackson, 2005).
- Jackson entretanto no mesmo artigo afirma que embora ela utilize tanto as contribuições *queer* quanto as feministas, considera mais pertinente para sua elaboração essas últimas.
- Para Noyé, ha pontos de convergência e possibilidades de aliança entre *queer* e materialismo. 1) Em ambas, o gênero é uma construção social; 2) em ambas ha uma perspectiva de transformação social; 3) em ambas encontramos uma critica às políticas neoliberais que precarizam as mulheres, as pessoas *queer* e as não brancas.

FEMINISMO MATERIALISTA E QUEER III

- Também Cervulle e Quemener no texto citado (« Queer », *Encyclopédie critique du genre*, 2016) indicam a necessidade de articular teoria *queer* et teoria social e afirmam que « a critica do capitalismo desempenha também um papel importante na teoria queer » (p.532). Particularmente interessante a questão da mercantilização e privatização das subjetividades sexuais e de gênero no neoliberalismo tais como são analisadas pela corrente queer materialista (Noyer, 2014). Cf. também a importância dada à consideração do aumento das desigualdades sociais em detrimento de uma politica centrada nos direitos formais, outra convergência entre pensamento queer e pensamento materialista (grupe « Queer for economic justice » , Duggan e J. D’Emilio.
- Atentar para a grande heterogeneidade das correntes *queer*.

TEMAS PARA DEBATE A PARTIR DOS INFORMES

Pontos selecionados por Nadya para abrir o debate

I. EPISTEMOLOGIAS FEMINISTAS E FEMINISMOS MATERIALISTAS (A PROPOSITO DE SANDRA HARDING) – I

- Ticiane Natale: Dado que a igualdade e a liberdade formais só surgiram a partir da ideologia jurídica contratual desenvolvida pela burguesia, criando as bases para se pensar em igualdade e liberdade de um modo mais geral (material), será possível uma crítica profunda ao patriarcado antes do capitalismo?
- Tainã Gois: Harding ainda não consegue resolver a dicotomia subjetivo-objetivo, que estaria melhor posta em Donna Haraway quando esta propugna por uma “objetividade feminista”, calcada em saberes localizados, ou seja, em saberes corporificáveis em um sujeito que não mais se esconde atrás de uma suposta universalidade. Uma objetividade feminista deve procurar unir as duas pontas de maneira contrária às dicotomias criadas pela lógica patriarcal, criando *loci* de fala determinados e responsáveis com as consequências da teoria.
- Paula Sasaki: por que entender que o feminismo contempla método específico, ou se constitua num modo particular de fazer ciência? não seria mais adequado pensá-lo enquanto movimento social? O materialismo dialético não seria suficiente (não cumpriria o que Harding propugna?) Aliás, de que feminismo, no singular, trata Harding? Fernanda Haag de certo modo responde ao salientar que Harding vai abordar essa temática do universal a partir dos debates entre as diferentes epistemologias feministas.

I. EPISTEMOLOGIAS FEMINISTAS E FEMINISMOS MATERIALISTAS (A PROPOSITO DE SANDRA HARDING) – II

- Iuri: a ascensão da categoria “gênero” na academia não se deu de forma linear; mesmo entre feministas existem disputas em torno de como se dão as epistemologias feministas. Até mesmo pelo caráter excludente que tende a dominar a academia, cf assinalado por Gabriela Bussab, ou como recupera Fernanda Haag, pela tensão existente entre militância e cientificidade, documentada nos dois textos principais
- Iuri: há que estar atento também para outras perspectivas de epistemologia, como a epistemologia queer (mas será possível denominar a epistemologia queer como feminista?). Com Eve Sedgwick, Iuri chama atenção para o fato de que esta epistemologia não somente está atenta/desafia a questão do gênero, mas também a questão da linguagem heteronormativa. A autora argumenta que a linguagem funciona como uma normatizadora das regras sociais de gênero e sexualidade; assim, cabe ao gênero e sexualidades marginais demarcarem-se linguisticamente. Quem possui identidades normativas não precisa dizê-las, cabendo aos LGBTs se assumirem, ou seja, demarcarem linguisticamente que existem (um bom ponto de contato com o debate de NCM na aula passada).

EPISTEMOLOGIAS FEMINISTAS E FEMINISMOS MATERIALISTAS (A PROPOSITO DE SANDRA HARDING) – III

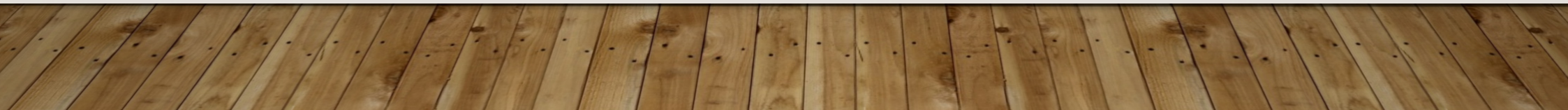
- Mariana Massini destaca 3 outros desafios: (i) o da preservação da consistência epistemológica sem abrir mão da tradição dos estudos histórico-comparados, (ii) o de aproximação de epistemologias - e seus respectivos conceitos – que guardam afinidades, porém não são similares. (iii) o de combinar referenciais teóricos igualmente relevantes, mas que partem de pressupostos bastante distintos.
- Beatriz Sanchez toma um desses pontos, da perspectiva da Ciência Política, preocupada com a sugestão de Harding no sentido de que diferentes perspectivas podem ser complementares e utilizadas estrategicamente dependendo da audiência. Entretanto, será que ao utilizar as ferramentas de análise dos estudos tradicionais, mesmo que para defender a inclusão das mulheres, não estamos reproduzindo uma forma patriarcal de produção do conhecimento. Na Ciência Política, por exemplo, existem pesquisas feministas que apontam para o viés de gênero nos estudos sobre as instituições políticas e defendem a necessidade de inclusão das mulheres nessas instituições. Entretanto, essas pesquisas utilizam a mesma metodologia e conceitos dos estudos tradicionais sobre as instituições, não questionando o seu caráter patriarcal.
- Ainda Beatriz, alerta que, ao questionarmos as bases sobre as quais a ciência está fundada, corremos o risco de “guetizar” a produção feminista. Nosso desafio constante está em como questionar as categorias tradicionais patriarcais sem promover o isolamento do debate feminista

2. AS CATEGORIAS DE SEXO E A RENOVAÇÃO DA EPISTEMOLOGIA DO TRABALHO (A PROPOSITO DE HIRATA E KERGOAT) - I

- Ticiane Natale: Helena Hirata e Danièle Kergoat afirmam que o toyotismo ainda “não chegou” na maior parte das operárias ou que o toyotismo é muito mais complexo do que se tem estudado. Mas, o toyotismo é justamente essa conjugação de realidades tão contraditórias, como alta requalificação de uma parte dos trabalhadores e precarização de outra parte.
- Ana Julieta também chamou a atenção o questionamento de Hirata e Kergoat :“Mulheres e homens se beneficiam igualmente dos processos de requalificação do trabalho e do novo peso conferido ao trabalho qualificado?”. Para ela, só recentemente homens e mulheres estão tendendo a se beneficiar de maneira mais igualitária do acesso à qualificação
- Henrique: os que defendiam o “capitalismo cognitivo” como algo positivo sobretudo para as mulheres (melhor preparadas para as atividades intelectuais) poderiam ser desafiados por um entendimento alternativo, pois é possível ver a reestruturação produtiva das últimas décadas como uma forma de o capitalismo “incluir” as mulheres no mercado de trabalho a partir de pressuposições sobre suas “competências”, mas com objetivo de mera inclusão pela precarização (uma discussão interessante e de que trataremos 3 sessões adiante)

2. AS CATEGORIAS DE SEXO E A RENOVAÇÃO DA EPISTEMOLOGIA DO TRABALHO (A PROPOSITO DE HIRATA E KERGOAT) – II

- Ana Julieta: surpreende, o *delay* de tantos anos – décadas! – da sociologia francesa. Por que, visto que as discussões sobre gênero já havia sido iniciadas a algum tempo ao redor do mundo?
- Thor:, salta aos olhos a estreiteza do debate francês;, com um foco exagerado no ambiente de trabalho e em sistemas produtivos, fazendo o campo parecer ainda mais androcêntrico. Mesmo onde o debate foi “sexuado”, se continua a ofuscar elementos indissociáveis do estudo do mercado de trabalho (comportamento reprodutivo, tipos de família, políticas de proteção social). As lacunas deixadas pela sociologia do trabalho francesa no período não se devem somente ao número de mulheres no campo, mas ao modo como a ciência se consolidou
- Ainda Thor: considera que o marxismo clássico (Engels), com todas as suas limitações, tinha uma visão sistêmica e refinada das ligações entre (i) as formas de opressão de gênero, (ii) a distribuição dos ônus da reprodução social e da exploração econômica e (iii) até do exercício da sexualidade, que parecem estar bem distantes na sociologia do trabalho francesa (conquistas que se encontram de algum modo desenvolvidas por Heleieth Saffioti)
- Luciana Portilho sugere que o olhar da teoria marxista ortodoxa esteve voltado apenas para as relações de produção e não considerou as relações de poder entre os sexos. Nesse sentido, indaga se não seria produtivo atentar sempre para a necessidade de diferenciar conceitualmente exploração e opressão, o que permitiria associar as dimensões econômica (exploração, extração de mais valia) e cultural/ social (opressão e efeitos de desigualdade de direitos) em que a segunda (opressão) intensifica a primeira (exploração) forma de dominação. Ou, como sugere Geni, é o patriarcado (sobretudo no capitalismo), o elemento em última instância estruturante de toda forma de dominação e exploração?
- Mas, e retomando José: como conciliar o conceito de “trabalho produtivo” trazido por Marx, que condiciona a nomenclatura à produção de mais-valia, com os trabalhos historicamente atribuídos às mulheres, como os afazeres domésticos? Como trabalhar os conceitos marxistas de trabalho produtivo e improdutivo sob uma perspectiva de gênero? Como incluir aí o chamado “trabalho reprodutivo”?
- Tássia Almeida: qual o lugar da psicodinâmica do trabalho frente a discursos científicos contra-hegemonicos? Será a trajetória de articulação desse campo na França distinta do Brasil? Está isso ligado ao contexto histórico específico do país? Do mesmo modo, o pleito por uma apreensão ampla de trabalho também já se fazia presente nos estudos (de inspiração marxista) sobre a saúde do trabalhador (Asa Cristina Laurell) .. sendo assim (Thor e Tássia, cada um a seu modo), como entender o pleito de H+K com respeito a uma renovação da epistemologia do trabalho?



2. AS CATEGORIAS DE SEXO E A RENOVAÇÃO DA EPISTEMOLOGIA DO TRABALHO (A PROPOSITO DE HIRATA E KERGOAT) – III.A

- Cinthia Torres indaga, em quais aspectos a ideia de “relação social de sexo” ultrapassa a noção de “divisão sexual do trabalho”?
- Juliana Kiyomura: qual a diferença entre dizer “**estudo das mulheres**” e “**estudo dos sexos**”? Ao dizer estudo dos sexos se poderia sugerir uma divisão biologizante e esta seria a forma combatida ao se dizer estudo das mulheres? Indo um pouco mais adiante, o quanto hoje conseguimos avançar na apropriação e uso de terminologias sem perder e naturalizar sua força e contexto em que foram criadas (por ex. o conceito de “empoderamento” e o risco da monossemia, ou “minorias” e a dissolução do diferente num quantitativo)
- Simone Miranda: será que avançamos mesmo na conceituação e tratamento do trabalho na medida em que a dimensão de sexo/gênero passou também a ser considerada?
- Bruna Oliveira :Ao ler HIRATA e KERGOAT (2005), passei a me questionar se na pesquisa que realizei no mestrado e que irei defender hoje, eu não deveria ter incluído professores dos dois sexos, pois me restringi a entrevistar apenas mulheres, partindo do pressuposto que a mulher vivência de forma diferenciada a questão da intensificação do trabalho por ser responsabilizada pelo trabalho doméstico além do trabalho profissional que exerce. Qual a diferença iria achar nas vivências desses dois atores sociais em relação à intensificação de seu trabalho nas escolas integrais de São Paulo? Penso que meu trabalho poderia ter ficado mais rico se tivesse optado em pesquisar professoras e professores, uma pena.

AS CATEGORIAS DE SEXO E A RENOVAÇÃO DA EPISTEMOLOGIA DO TRABALHO (A PROPOSITO DE MIRATA E KERGOAT) – III.B

Paula Sassaki (mas de certo modo também Patricia Maeda, Mariana Fagundes, Beatriz Sanchez): Assumindo, com a literatura revisada hoje, que os movimentos e organizações feministas foram fundamentais na guinada conceitual e no aperfeiçoamento teórico, como está hoje a relação da academia com tais movimentos e organizações e como a academia tem estado ou não (e de que maneira) atenta e aberta às elaborações que as feministas tem trazido? Afinal, e com Ana Julieta, “quem pode fazer ciência”? No caso francês especificamente, não seria possível também pensar que a experiência do 68 tenha sido fundamental para uma nova epistemologia do trabalho assentada na ideia de uma hierarquia entre os sexos e na relação social entre esses? (Patricia Maeda)

Mariana Afonso: mas talvez fosse possível pensar também na contra-corrente... é certo que desde os anos 1970 as análises têm documentado avanços teóricos importantes no entendimento da divisão sexual do trabalho; entretanto, chama atenção a sua persistência, fundando desigualdades de gênero, mesmo em situações/momentos sociais progressistas (ex dos assentamentos rurais)

Marcel Maia: seguindo com o exercício na contra-corrente, por mais que os avanços mostrem a pluralidade das formas de trabalho e das personas que lhes dão sentido (Maria Celeste, como outros também o havia assinalado como um ganho dessa literatura), onde uma teorização/abordagem analítica mais refinada sobre a “mulher exploradora”? Ou seja, onde a tematização sobre a mulher que, mesmo em um sistema patriarcal, pode passar à posição de exploradora do trabalho. Será que as feministas estiveram cegas à tal possibilidade, algo que tem sido (mesmo se lateralmente) tratado na academia? O silêncio não estaria a sugerir que prevalece – de forma mais conveniente – a força estrutural da classe sobre o gênero?

Nesse mesmo diapasão, ou em registro próximo, Juliana Wruck vê como contrassenso falar sobre estudos feministas e seus possíveis (novos?) métodos científicos, sem deixar claro que é preciso levar em consideração todos os plurais envolvidos nesse processo, ou seja, os diversos homens e as diversas mulheres e todas as suas variadas especificidades.

José Baboin: qual o papel e legitimidade dos homens nos estudos de gênero? Amanda Arrais: existem homens feministas? Enquanto algumas correntes feministas acreditam que homens podem e devem ser chamados de feministas, outras dizem que não, visto que só pode ser denominado feminista quem for vítima institucional do machismo, ou seja, mulheres, de forma que os homens defensores das bandeiras feministas seriam pró-feministas.

